

A EUROPA E A GRÉCIA

por Mário Soares

A Grécia voltou a ser a vedeta mediática da Europa. Por más razões. É incrível como os dirigentes europeus se têm permitido tratar a Grécia, berço da Democracia, da Ciência e da Filosofia. A Europa democrática da CEE suportou o regime odioso dos coronéis. E agora permite-se tratar com menos respeito o primeiro-ministro Georges Papandreou, socialista, filho e neto de dois grandes políticos gregos, que marcaram a história do passado século.

Como disse Christian Noyer, Governador do Banco de França e membro do Banco Central Europeu, "a reestruturação da dívida grega não é uma solução é um filme de terror". Por outro lado, Yorgos Papaconstantinu, ministro das Finanças grego, avisa: "se não recebermos o dinheiro até 26 de Junho próximo, seremos obrigados a fechar a loja"... Este é o dilema que as instituições financeiras europeias - e a própria Comissão Europeia, sob pressão, já se sabe, da Chanceler Merkel - parece não querer compreender.

Ora, a fuga à reestruturação está a tornar-se cada vez mais difícil, por causa da obrigatoriedade de passar pelo Parlamento grego, uma vez que a Oposição, dos vários quadrantes, se mostrou indisponível para apoiar mais austeridade. Papandreou resiste com muita coragem e dignidade mas não merecia esta humilhação, criada pelos erros e os gastos, não incluídos nos Orçamentos do passado, pelos Governos da Direita... Os verdadeiros europeístas devem ter a consciência de que urge, por todos os meios, ajudar Papandreou, um político corajoso e ímpoluto.

Contudo, na minha opinião, o mais grave de tudo é a União Europeia não ser capaz de ter a coragem de definir um plano concertado (entre todos os Estados-membros da zona euro) para defender o euro, como moeda única, superior ao dólar, e ser incapaz de meter na ordem os mercados especuladores, as empresas de rating, destrutivas dos valores éticos essenciais e, em parte, responsáveis pela crise global que nos afecta a todos. Assim a União Europeia, com a cegueira política dos seus dirigentes, caminha a passos de gigante para a decadência...

A Chanceler Merkel, dado o seu pragmatismo, sem valores nem ideologia, tem grandes responsabilidades na situação de descrédito que a União Europeia está a viver. Já passou aliás, pela vergonha de uma crítica pública em forma - e indignada - do seu antigo chefe Helmut Kohl. E a União se não mudar, rapidamente, de política, antes das suas próximas novas derrotas eleitorais, ficará na história como a coveira da Comunidade Europeia, pela qual os seus anteriores chanceleres, Adenauer, Willy Brandt, Schmidt, Kohl e Schröder, tanto se bateram...

E Portugal?

Parece deliciar-se com as próximas eleições legislativas, marcadas para 5 de Junho próximo. Não se fala noutra coisa, os líderes e os não-líderes, seguidos pela comunicação social, a toda a hora, que parece, igualmente, encantada não só com o dize-tu-direi-eu e as intrigas políticas mesquinhas habituais. Será que alguém já pensou ou falou em como iremos acordar no dia 6 de Junho e como nos confrontaremos com os problemas e os compromissos que nos esperam? Não creio, nem sequer em família, com os amigos mais próximos... Tem sido um assunto tabu de todos os Partidos.

Agora o que os parece interessar é ganhar. "Tu é que foste o responsável da crise e, por isso, és um irresponsável". E o outro responde: "não, tu é que és em absoluto irresponsável e, por isso, chegámos à crise em que estamos"... Será que alguém já pensou que, nas circunstâncias presentes, talvez que quem ganhe, perca, pelo menos a curto e a médio prazo?...

Acreditem os leitores que tudo vai ser diferente, no pós-eleições e muito pior. Como iremos nós poder cumprir os compromissos que assumimos? De modo a reduzir o deficit, os endividamentos, públicos e privados, e, ao mesmo tempo, diminuir o desemprego, que continua a subir e ter dinheiro para investir no crescimento económico, evitando a recessão que nos ameaça?

São estes os temas que mais interessariam aos portugueses, que vão votar no próximo Domingo, mas sobre eles não ouviram discorrer minimamente os políticos que disputam as eleições. Vá lá saber-se porquê...

A nossa vizinha Espanha

As eleições regionais e autonómicas em Espanha tiveram lugar, do Domingo passado a oito dias, para trás, e foram desastrosas para o PSOE e para a Esquerda em geral. O PP de Mariano Rajoy, inesperadamente, foi o vencedor incontestável. Zapatero, com grande nobreza, assumiu a derrota e tirou dos resultados as devidas ilações. Que futuro vai ter a Espanha? Para as diferentes autonomias e para os eleitores em geral os resultados eleitorais constituíram uma surpresa. Desagradável, para uns e, para outros, muito agradável, como sucede em democracia, quando ocorrem transformações eleitorais profundas...

O curioso é que em quase todas as praças das grandes cidades de Espanha centenas de jovens se reuniram desde 15 de Maio - no estilo da "primavera islâmica" - e se mantiveram mesmo de noite, para solicitar mais trabalho, mais dignidade no trabalho, menos corrupção e menos desigualdades. E, no entanto, depois das eleições os resultados foram os que foram... As manifestações à Esquerda, deram a vitória à Direita. É muito original!

Quer isto dizer, pelo menos, que as pessoas estão desorientadas e confusas quanto à crise que as afecta e também ao caminho a seguir para sair dela. Haverá talvez eleições legislativas antes da data prevista. Rajoy já as pediu. Mas, seja como for, os resultados serão diferentes, julgo, apesar da vaga de Direita que ataca a União Europeia.

Com estas transformações políticas é imprevisível saber se a Espanha escapará da crise que já abalou a Grécia, a Irlanda e Portugal. A Bélgica e talvez a Itália estão nesse caminho. Em Milão e Nápoles os resultados não foram bons para Berlusconi. Vai a Espanha ser também vítima dos mercados especulativos, que continuam impunes? Seria um golpe terrível a que a União Europeia dificilmente resistiria, estando como está em decadência e sem rumo. Os próximos meses, antes das férias de Verão, vão ser extremamente difíceis para a União e, em especial, para a Península Ibérica. Os portugueses conscientes, em tempos tão conturbados, devem estar muito atentos aos difíceis meses que vamos viver. Muita coisa se vai passar. E talvez nem sempre má...

Obama veio á Europa

Mas não tratou bem a União Europeia. Com razão, talvez. No estado de decadência e irresponsabilidade em que a União Europeia se encontra, é natural que as honras de Obama se voltem para o seu protectorado inglês, com a velha tradição anglo-saxónica, que continua a ter um pé na Europa, para melhor a sabotar por dentro...

Fora disso, o G8, como toda a gente compreendeu, não teve nenhuma importância, salvo para a vaidade do Presidente Sarkozy. A viagem à Polónia foi mais significativa, porque se trata de um grande país europeu, entalado entre a Alemanha e a Rússia. A estratégia de Obama de aproximar a Rússia da NATO, como se viu há meses na reunião de Lisboa, continua a ser uma linha consistente do pensamento do Presidente dos Estados Unidos. Mas quanto aos dirigentes europeus ele parece ter perdido qualquer esperança... Estão noutra comprimento de onda. Para ele - e talvez com razão - a China, a Índia, o Japão, este apesar das catástrofes porque passou, e o Brasil, parecem ter mais consistência do que a Europa, em decadência... Leiam os leitores a excelente entrevista feita pela jornalista Teresa de Sousa a Chris Patten, que foi em tempos um dos raros ingleses europeístas europeus e que hoje se pergunta: "para que serve a Europa no século XXI?"

O Dia de África

Os Embaixadores africanos sediados em Lisboa - e não só os de língua portuguesa - resolveram fazer uma parceria com a Universidade Clássica de Lisboa, para comemorarem o dia 25 de Maio, o dia de África, como acontece desde a criação da OUA (Organização de Unidade Africana) criada em 1962, salvo erro.

Desde os anos sessenta do século passado que se deram as independências dos Estados africanos, principalmente das antigas colónias inglesas e francesas. Portugal ficou para trás, infelizmente, dada a falta de visão do ditador Salazar. Foi em fins de 1961 que Nehru, depois de muitas propostas de compromisso, sempre recusadas pela ditadura portuguesa, invadiu o chamado Estado Português da Índia e obteve a rendição das Forças Armadas Portuguesas. Foi um primeiro sinal de que não podíamos deixar de descolonizar, dado que a ONU reclamava dos Estados colonizadores o reconhecimento do direito à auto-determinação.

Salazar e depois Caetano, aguentaram 13 anos de guerras coloniais, à custa do isolamento internacional de Portugal. Uma tragédia que nos custou muitas vidas e inúmeros deficientes, de um lado e outro, em guerras altamente onerosas e perfeitamente inúteis.

Felizmente, a Revolução dos Cravos, em 25 de Abril, pôs fim à tragédia, com determinação e coragem e num espaço recorde.

Hoje temos com todos os Estados africanos, nossas antigas colónias, excelentes relações, num plano de total igualdade e solidariedade. A CPLP é para nós um grande orgulho, tanto mais que inclui o triângulo Brasil, África e Portugal, em três Continentes diferentes e ainda Timor.

A cerimónia realizada na Universidade Clássica de Lisboa, em que participaram professoras e professores, especialistas em estudos africanos, mostrou a todos os Embaixadores presentes, a qualidade - e a importância - do relacionamento entre o Brasil, África e Portugal. Foi uma excelente Jornada, principalmente, em tempo de crise importada como nos encontramos.

Lisboa, 31 de Maio de 2011